1.º anno   Lisboa, 25 de maio de 1885   Numero 48

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach, F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

ACHO MUITO CARO

CHRONICA

Novidades? Nem uma.

Noticias de sensação? Nem meia.

Vive-se, faz-se politica e faz-se amor, um amor tão banal como a politica que se discute e como a existencia que se arrasta.

De manhã vae-se ás *kermesses* depositar o obulo da caridade, esse obulo elastico que chega para consolar todas as miserias e para evidenciar todas as vaidades burguezas. Ha quem volte de lá amaldiçoando em silencio os desgraçados que soccorreu e os miseraveis a quem consolou, mas a caridade exerce-se, e os pobresinhos teem tudo a lucrar com esses exaggeros de beneficencia espectaculosa, importando-lhes pouco saber se a esmola foi acompanhada de maldições ou se quem lh'a deu fica mais pobre do que elles.

A' sahida das *kermesses* vae-se ouvir, em S. Bento, um pedaço de politica retrospectiva. E' mais barato, mas diverte menos.

Na camara dos deputados, uma especie de bazar para onde o paiz envia varias prendas de todos os feitios e de todos os tamanhos, não ha sortes á venda. Se as houvesse, como no passeio da Estrella, eu sahiria, talvez, de lá sem um real, mas havia de trazer no bolso dois exemplares do genero, pelo menos, para meu recreio particular.

A' tardinha, entre lusco fusco, vae-se fazer o chylo no asphalto da Havaneza e ver passar as demi-mundanas saltitantes que deslisam, com a chimica multicôr do rosto fortemente illuminada pelas lampadas da luz electrica. As feias passam ao largo, na meia tinta esbatida da penumbra, sem se atreverem a fitar de frente o brilhantismo do foco luminoso. As bonitas passeiam orgulhosamente a sua gentileza na linha recta do *trottoir*, deixando atraz de si umas *silhouettes* de silphide, impregnadas d'aromas estonteadores.

Valha a verdade, as bonitas contam-se por maior numero, envoltas nas suas vestes diaphanas e primaveraes, onde ha rendas de todas as *nuances*. Trazem as formosas cabeças loiras encaixilhadas em pequeninas *capotes* de palha côr de ouro, calçam luva de *suède*, sem botões, e encaram-nos petulantemente na passagem, tresandando a *marechala* e a *opoponax*.

A' noite fechada, toma-se café no Gremio ou no Martinho, e vae-se ouvir o *Ruy Blas* ao Colyseu, quando se não quer ir ver o *Grão Mogol* á Trindade.

E ahi esta como nós passamos a vida em Lisboa, na ultima quinzena de maio, do formoso maio que os lacobrigenses não conhecem e que os poetas tanto teem cantado nas suas redondilhas sonoras.

Não é boa?

Tambem não poderá dizer-se que seja completamente má!

Pelo menos é pacata e methodica, sem commoções fortes, nem arrebatamentos doidos, nem irrequietismos perigosos. O mesmo chá refervido e insulso de todos os dias, de todas as epocas. D'anno a anno, quando muito, experimenta-se uma sensação nova. O resto do tempo passa-se como que a dormir, levando a existencia ficticia do peixe fóra d'agua.

Já a gente sabe que tem uma *kermesse* todas as semanas: é negocio corrente e assumpto que se não discute. Já sabe, tambem, que deve ir todas as noites aos theatros, ver os mesmos artistas e o mesmo publico, contemplar o luxo petulante das mesmas *cocottes* e as visagens invariaveis dos mesmos actores. E' forçoso assistir a tudo isto, e sempre, como é da praxe roçar quotidianamente a sobrecasaca pelas paredes da Havaneza, saudar com uma facecia o nariz do Valentim, ler as objurgatorias da nossa politica indigesta, e comprar uma rosa á ramilheteira dos Recreios.

Um ra-me-ram, dirão, mas ao menos não fomos ainda visitados pelo cholera que rebentou na Inglaterra, nossa fiel alliada, e que se não cansa de flagellar a Hespanha, nossa visinha proxima.

Deves já ter lido o *compte rendu* das experiencias feitas em Valencia pelo doutor Ferran, para a vaccina do cholera. São curiosissimas e estão despertando um interesse scientifico sempre crescente.

Os governos da Russia e da Dinamarca já ali mandaram delegados seus examinal-as. Portugal apressou-se a fazer outro tanto, seguindo o exemplo d'aquellas duas nações, a bem de todos nós.

Ha dias foi vaccinado em Valencia o correspondente do *New-York-Herald*. Por ser interessantissima a narrativa da operação, que elle mesmo faz para aquelle periodico, vamos transcrevel-a. Diz o vaccinado:

«Foi-me applicada a injecção na parte posterior dos dois braços, entre o cotovello e o triceps. O operador serviu-se para isso d'uma pequena seringa, cuja ponta, afiada como a d'uma agulha, penetrou cerca de meia pollegada debaixo da pelle.

Ao cabo d'uma hora, comecei a sentir dôres fortes na região espinhal, com agitação muscular, estendendo-se as dôres até ás palmas das mãos. Ao cabo de duas horas, a temperatura do corpo elevou-se até ao calôr da febre, e depois appareceu-me um suor viscoso nas mãos, fraqueza e dôres nas pernas. Ao fim de quatro horas, tinha os braços muito doloridos, soffrendo n'elles uma sensação egual á que teria se m'os tivessem moido com pancadas.

Depois d'isto começou a diminuir a actividade dos symptomas; mas os braços pozeram-se-me rigidos, de modo que me custava erguel-os. Mais tarde, senti nauseas, acompanhadas de dôr de cabeça e surdez, e a dôr dos braços estendeu-se aos musculos das espaduas.

Deitei-me e dormi bem. Não obstante, muitos dos que se sujeitam a esta operação, padecem de insomnia. Despertei com uma violenta dôr de cabeça, que ainda dura. Este telegramma é enviado vinte e oito horas depois de ter sido vaccinado. Dizem-me que os symptomas se prolongam por espaço de quarenta e oito horas.»

A despeito das dores na espinha, na cabeça, nas mãos e nas pernas, do suor viscoso, das febres intensas e das nauseas incommodas, nós queremos ser inoculados como o correspondente da folha americana, como os habitantes de Valencia e d'Alcira.

Já fomos submettidos, em creanças, á vaccinação contra a variola, e graças a ella só poderemos ter bexigas doidas. Vaccinem-nos agora, depois de homens, com o virus anti-cholerico, para ficarmos com a certeza de não soffrer mais que os incommodos d'um cholera ligeiramente idiota e inoffensivo.

—Comecei por te dizer que não havia nem uma noticia de sensação. Pois ha, e é de natureza a ecoar tristemente no mundo inteiro.

Victor Hugo, o grande poeta da França, está agonisante á hora em que eu lanço ao papel estas impressões semanaes.

Assim o diz o telegrapho, no seu laconismo esmagador, e a noticia repete-se de bocca em bocca, provocando um sentimento geral e profundissimo.

A doença que fulminou o grande genio teve principio na penultima quinta feira. Depois de jantar alegremente com seus netos Carlos e Joanna Hugo e com Vacquerie e Lesseps, o poeta recolheu-se ao seu quarto. Pela noite alta, sentiu difficuldade em respirar e pareceu-lhe que se tornavam menos fortes as pulsações do coração.

Chamou-se um medico que lhe ministrou os primeiros cuidados. Na sexta feita o enfermo passou melhor, mas conservou-se de cama. A' noite o mal recrudesceu, e d'ali em diante foi augmentando d'intensidade. Fizeram-se consultas, a sciencia empregou todos os seus recursos, mas a doença era perigosa e aggrava-se a cada momento, zombando da medicina impotente.

Victor Hugo, que já soffria d'uma lesão no coração, fôra atacado d'uma congestão pulmonar. Assim o declararam os medicos nos seus boletins, lavrando-lhe desde logo a sentença de morte.

Elle mesmo, o poeta gigante, tem a consciencia do seu estado.

No domingo, dizendo-lhe um amigo intimo que não se assustasse e que bastariam alguns dias para se restabelecer completamente, o auctor dos *Miseraveis* respondeu-lhe, com um sorriso repassado de tristeza:

—Não: isto é o fim que se approxima: sinto que vou morrer.

Victor Hugo, por ter gosado sempre uma saude de ferro, desprezava todas as precauções hygienicas e commettia imprudencias sem conto.

Ninguem o viu nunca vestir um *par-dessus*, por mais rigoroso que fosse o inverno. No dia da recepção de Fernando de Lesseps na Academia franceza, quando toda a gente, depois d'aquelle acto, punha o chapeo na cabeça, por causa do frio, o poeta conservava-o na mão.

Quem sabe se foi n'aquelle dia que elle contrahiu o germen da doença fatal!

Á ULTIMA HORA

Morreu Victor Hugo.

A sua morte enche de luto o mundo inteiro, mas esse luto confunde-se com a mais gloriosa das apotheoses.

C. Dantas.

Post scripta.—O chronista tem de fazer uma rectificação, e como ella representa justiça, apressa-a gostosamente. Necessita fazel-a, porque preza tanto a sua dignidade como respeita a dos cavalheiros que constituem a burocracia do consulado portuguez no Rio de Janeiro.

Como os leitores sabem, commetteu-se um roubo na caixa d'aquelle consulado, e algumas gazetas brazileiras tiveram a tristissima idéa de brincar com o facto, no *dia 1.º de abril*, dizendo que os auctores do roubo eram empregados no consulado. Uma brincadeira de mau gosto, e porque o era, diversos diarios de Lisboa acreditaram, e transcreveram. Nunca elles podiam crer que a usança de pregar petas no *1.º de abril* fosse explorar cousas sérias, affectando a dignidade individual.

Nos diarios de Lisboa viu o chronista a noticia, e, pelas mesmas rasões, acreditou na sua veracidade.

Nada mais singelo, nem mais innocente, de pura boa fé.
Agora o chronista, como é da sua obrigação, promette não peccar mais, não confiando para o futuro em quaesquer noticias brazileiras escriptas durante o mez d'abril, que, sendo o mez das flores em Portugal, é o das mentiras em terras de Santa Cruz.

C. D.

GARRETT E O SEU TEMPO

XXI

Ha dois pontos no livro do sr. Gomes de Amorim, de que realmente nos custa occupar-mo-nos—um o que se refere á saida de Garrett do ministerio, o outro o que trata de fazer comparações entre Garrett, Herculano e Castilho. O primeiro é-nos penoso por causa de Garrett, o segundo por causa do sr. Gomes de Amorim.

Vamos primeiro ao caso das comparações.

Já a idéa do capitulo é detestavel—fazer comparações para que e porque? Pois podem comparar-se tres genios eminentes, mas cada um na sua especialidade? Podem esses tres genios reduzir-se, por assim dizer, ao mesmo denominador? Pois Garrett era por ventura capaz de escrever a *Historia de Portugal* com aquelle profundo criterio e aquella inexcedivel energia de trabalho? E Herculano poderia nunca escrever o *Fr. Luiz de Sousa?* Conseguiria por ventura Garrett fazer aquella maravilhosa sonata de metro e rima, que se chama *No circo de Roma?* E seria Castilho capaz de escrever as *Viagens na minha terra?*

Como é que o sr. Gomes de Amorim se preoccupou um instanta com similhante futilidade, que seria inoffensiva se o não tivesse levado a ser profundamente injusto com Herculano e Castilho, mas sobretudo com este ultimo?

Conhece alguem em França um livro qualquer em que se pretende provar que Thierry é superior a Lamartine, e Lamartine superior a Dumas? Não encontra de certo. Comparar Herculano, Garrett e Castilho equivale a comparar Verdi e Eugenio Delacroix. Não ha um termo de comparação commum, desde o momento que são diversissimos os generos.

Despertar agora, depois da morte d'esses tres grandes vultos, a discordia que entre elles houve, é da mesma forma uma idéa pouco feliz. Que a narrasse percebe-se, mas que pareça desejar que o publico de hoje venha a ser juiz da contenda que melhor fôra que nunca tivesse existido, é o que nos parece realmente lamentavel.

Os trinta e um annos, que já teem decorrido desde a morte de Garrett, não acalmaram ainda no espirito do sr. Gomes de Amorim os rancores e os despeitos que se sentiam na côrte do rei Garrett contra Castilho, e na côrte do rei Castilho contra Garrett. Assim vem armado em guerra contra o author do *Amor e melancholia*, reproduzindo todos os boatos calumniosos, que voejaram constantemente em torno d'aquelle pobre grande homem, que se dava por feliz com os seus amigos, com os seus livros, com os seus versos, com as suas cigarras de Anacreonte, que nunca fez nem quiz mal a ninguem, e a quem se levaram, a titulo de grandes crimes, umas coleras puramente litterarias que o inflammaram ás vezes, e uns ditos maliciosos que lhe saiam dos labios risonhos em horas de desenfado e de intimo cavaco.

O author d'estas linhas foi amigo de Castilho, e d'isso se preza e se ufana. Deveu-lhe as mais altas finezas, e d'ellas guarda no intimo do peito a mais agradecida recordação. Nunca o cegou porém essa amizade, e nunca pertenceu á côrte. No meio de um grupo de lisongeiros, em que se julgava de bom tom dizer mal de Garrett, não occultou nunca a sua profunda e enthusiastica admiração pelo author de *Camões* e de *D. Branca*. E quer saber o sr. Gomes de Amorim quem era o outro admirador de Garrett, que lhe sabia de cór os versos, e que os recitava com enthusiasmo? Julio de Castilho, o actual visconde de Castilho, o filho primogenito e o glorioso herdeiro do grande poeta.

E qual era a opinião do proprio Castilho? Para que o publico a possa apreciar bem, devemos dizer uma coisa, que explica amplamente os erros de apreciação em que muitas vezes caia Antonio Feliciano. Chegára elle a ter um tão profundo e supersticioso respeito pela forma, que tudo subordinava a esse idolo dos seus ultimos annos. Eram para elle evangelho os dois versos de Boileau:

> Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
> Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écrivain.

Foi isso o que o levou a dizer a respeito de Camões as barbaridades que se lêem no prologo do *D. Jayme*. As cacophonias, os versos duros, os descuidos de palavra e de phrase, que abundam no immortal poema das nossas glorias, irritavam-n'o, exaltavam-n'o e faziam com que elle se desentranhasse em ditos de espirito, que eram considerados como a expansão de um espirito invejoso, que se moldava por José Agostinho de Macedo.

Ainda me recordo. Uma vez lia-lhe eu Camões, e a cada estrophe vinha um diluvio de criticas. Não escapava uma oitava sem commentario. Chegámos a um sitio em que Camões fallava em *aguas humidas*.

—Aguas humidas! bradou Castilho, dando um pulo na cadeira. Isso é mais do que pleonasmo, é *pleonasno*.

Eu ria, mas ao mesmo tempo dizia-lhe, com a familiariedade que elle me permittia.

—O' sr. Castilho, mas que importam estes senões, em presença da concepção magnifica do episodio do Adamastor, em presença d'estas maravilhosas descripções de batalhas e de tormentas?...

E elle, enrolando canudos de papel, ou abrindo folhas de livros novos, murmurava com a sua voz pausada e unctuosa:

Sans la langue, en un mot...

Nunca o ouvi dizer mal de Garrett. Guardava a respeito d'elle uma certa reserva, mas incontestavelmente não partilhava o nosso enthusiasmo. Como a preoccupação de Garrett não era a forma, e como a preoccupação quasi exclusiva de Castilho estava sendo a forma, póde imaginar-se bem que os dois grandes poetas não se comprehenderiam facilmente.

Um dos grandes enthusiasmos do ultimo periodo da vida de Castilho foi Victor Hugo. O poeta francez escrevera-lhe em tempo, apresentando-lhe e recommendando-lhe o photographo Fillon, um exilado republicano de Jersey, que viera estabelecer-se em Portugal. Recordo-me que n'essa carta lhe dizia, n'aquelle estylo solemne de que sempre gostou muito o poeta da *Légende des Siécles*: *Les aveugles n'ont point de regards, parce qu'ils ont des rayonnements.*

Não posso dizel-o com certeza, mas supponho que o poeta cego a quem Victor Hugo se dirige n'uma das suas *Contemplações* é Castilho. Ahi lhe diz:

> *Chante, Milton chantait! Chante, Homère a chanté!*
> *Le poëte des sens perce la triste brume.*
> *L'aveugle voit dans l'ombre un monde de clarté.*
> *Quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume.*

Querem saber porém qual era a grande qualidade que Castilho mais admirava em Victor Hugo? A perfeição da forma, e sobretudo a riqueza da rima. Este ultimo predicado tem apenas o merito da difficuldade vencida, porque não augmenta nem diminue a melodia do verso. Victor Hugo effectivamente é muito escrupuloso n'esse ponto. As suas rimas são sempre ricas. Lamartine e Musset são absolutamente indifferentes a essa preoccupação. Esta quadra admiravel de Musset fazia arripios a Castilho:

> *O Christ! je ne suis pas de ceux que la prière*
> *Dans tes parvis muets amène à pas tremblants!*
> *Je ne suis pas de ceux, qui vont à ton Calvaire,*
> *En se frappant le cœur, baiser tes pieds sanglants!*

—*Prière* e *Calvaire!* bradava Castilho furioso, mas essas rimas andam perfeitamente a pedir esmola. Recolham-me essas rimas no asylo da Mendicidade.

Eu, devo confessal-o, achava pueril esta preoccupação. Que me importava que a rima fosse imperfeita, desde o momento que dava ao meu ouvido uma sensação melodica absolutamente completa, e desde o momento, sobretudo, que a idéa dos versos era grandiosa e arrojada?

Se eu lhe lia ou lhe recitava, porque os sabia de cór, os admiraveis versos de Victor Hugo no *Eviradnus*, esses versos em que elle descreve com um encanto inexprimivel o expirar de um cantico suavissimo n'uma noite de luar sereno:

> *La mélodie encor quelques instants se traine*
> *Sous les arbres bleuis par la lune sereine,*
> *Puis tremble, puis expire, et la voix qui chantait*
> *S'éteint comme un oiseau se pose, tout se tait.*

Castilho escutava com uma beatitude suprema, e dizia arrebatado: *Chantait, tait!* Veja se póde haver mais perfeita rima.

D'essa vez calava-me. Só protestava quando elle corria sobre o meu adoravel Musset de cacete em punho, porque o poeta da *Namouna* se não déra ao trabalho muitas vezes de enriquecer as suas rimas com mais uma consoante.

Já vê o leitor que eu não occulto os defeitos de Castilho. Sou o primeiro a reconhecer que esta preoccupação da forma chegava a ser pueril e o tornava injusto, mas o que isso prova é que elle nunca tirou o merecimento a quem o tinha, nem contestou nem invejou os talentos de outrem. Mas, como o merecimento que elle tinha em mais conta era o da forma, não partilhava o enthusiasmo dos outros, por auctores a quem faltava uma qualidade que muitos, e com plena rasão, reputam secundaria, e que elle considerava acima de todas. Nunca o disse, mas estou convencido que lá muito no intimo preferia a *Ulysséa* de Gabriel Pereira de Castro aos *Lusiadas* de Camões, isto, note-se bem, nos ultimos annos da sua vida, em que a sua paixão pela melodia do verso chegára aos mais extraordinarios requintes.

Continuarei a tratar este assumpto especial, em que procuro, como o leitor viu, não me deixar cegar pela amisade que votei ao grande poeta. Vou defendel-o sim, mas só com as armas da imparcialidade e da justiça.

PINHEIRO CHAGAS.

DEPOIS DA CAÇADA

COMBATE DE FERAS

UMA AMAZONA DO SECULO PASSADO

MORS-AMOR

Esse negro corcél, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce
E, passando a galope me apparece
Da noite nas phantasticas estradas,

D'onde vem elle? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente,
Formidavel, mas placido no porte,
Vestido d'armadura reluzente,

Cavalga a féra estranha e sem temor.
E o corcél negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavalleiro: «Eu sou o Amor!»

ANTHERO DO QUENTAL.

AS NOSSAS GRAVURAS

ACHO MUITO CARO!

E' um official russo, pelos modos. Foi jantar n'um *restaurant* modesto de S. Petersburgo, talvez, onde as mesas são servidas, ao que parece, não por creados encasacados como os dos nossos hoteis, mas por bellas moçetonas de lume no olho e trages vistosos.

O galante official comeu bem, bebeu melhor, conforme o attestam as duas garrafas esvaziadas que ainda estão sobre a toalha alvissima, e, quando lhe trouxeram a conta, achou caro, muito caro.

Como se os olhares e os sorrisos da bonita servidora não valessem nada!

Emfim, nós estamos certos de que o garboso filho de Marte não regateará a despeza do *menu*. Mais um olhar d'ella, mais um requebro galante, e o camarada do general Komaroff acabará por achar a conta exigua, indo comer ao mesmo *restaurant* no dia seguinte.

DEPOIS DA CAÇADA

Aquelles tres estudios voltam da caça, trazendo apenas, em vez de lebres e perdizes, fome e sede... d'amor.

A meio do caminho encontram uma pousada onde descançam, e os olhos formosissimos d'uma camponeza ingenua em que fixam os seus.

Comem, bebem, riem: os madrigaes á bella hospedeira esfuziam; as gargalhadas ecoam: as canções apaixonadas fervilham; os bons ditos cruzam-se ás dezenas, indo incidir, alegres e sonoros, no rosto risonho da camponeza boquiaberta.

Para pagar estas galanterias de que é alvo, ella decide-se a enfeitar com flores o chapeo do mais bello dos tres.

Amor com amor se paga. Nunca as filhas d'Eva hão de arrenegar-se por lhes dizerem que são bonitas.

UMA AMAZONA DO SECULO PASSADO

Uma especie de Morgadinha de Valflor, sonhadora e irrequieta, que não tem medo de se embrenhar por montes e valles, soltando livremente as redeas do seu alazão favorito.

Já não se vê d'aquillo n'estes tempos d'anemia que vão correndo. Apparecem ahi, de longe em longe, uns pallidos arremedos d'aquellas gentis amazonas lendarias, mas sem o *aplomb* varonil que as caracterisava, sem a elegancia altiva e fidalga que as distinguia.

As amazonas de hoje tocam valsas de Strauss, dansam *cotillons* e manejam garbosamente um leque, nas salas do grande mundo, mas não sabem brandir o chicote, nem resistem ao galope d'um *pur sang*.

COMBATE DE FERAS

E' facil acertar com a época em que se passa a scena da nossa estampa. Sem nos arriscarmos muito a errar, podemos fixal-a entre o anno 14 e 68 da nossa era, nos tempos dos imperadores Tiberio, Caligula, Claudio ou Nero, em que, para distrahir o povo e para que elle désse menor attenção á tyrannia e corrupção com que era governado, se lhe offereciam d'aquelles espectaculos. E' menos provavel, porém, que fosse no tempo de Nero, porque este, na sua qualidade de artista, era mais affeiçoado a outras scenas, principalmente áquellas em que uma donzella nua, atada a um poste, se estorcia, em quanto era dilacerada por uma féra, depois de ter assistido á agonia mortal de um irmão, de um pae ou de outro qualquer defensor.

Este combate, que parece ter começado entre o touro e o elephante, passou a ser uma batalha geral entre homens e féras. As proprias Vestaes, que costumam presidir a estes espectaculos com extrema serenidade, acham-n'o mais interessante do que de ordinario. Provavelmente a turba grita desordenadamente *Habet, Habet!* E, a ferida mortal, já o misero gladiador que jaz por terra, com certeza «tem».

PAÇOS DO CONCELHO E PRAÇA DA VILLA DAS CALDAS DA RAINHA

A villa das Caldas da Rainha, na provincia da Extremadura portugueza, districto de Leiria, está situada a 85 kilometros, ao noroeste de Lisboa.

E' muito concorrida todos os annos por pessoas que carecem de banhos sulphurosos.

A nossa gravura representa o edificio dos paços do concelho, e parte da praça.

As armas da villa, que estão sobrepostas aos paços do concelho, são o escudo de purpura, tendo no centro dois escudetes parallelos, brancos, com cinco escudetes azues, pequenos, em cruz, e tendo cada um d'estes escudetes cinco bezantes em aspa (como os das armas de Portugal, mas duplicados); sobre o escudo doze castellos de ouro, em tres linhas perpendiculares, de quatro cada uma, ficando os quatro do centro, no intervallo (de purpura) que divide os escudetes brancos. Este escudo, mettido em outro branco, tem de um lado uma rede e do outro um pelicano sustentando os filhos com o seu sangue. O escudo branco tem sobre elle uma corôa aberta, como a dos duques.

Este brasão de armas não é o primeiro que teve a villa das Caldas da Rainha e que lhe foi dado pela rainha D. Leonor; o primeiro consistia no escudo real, e era o mesmo que tinha a villa de Obidos. Foi reformado, depois da catastrophe que arrebatou á rainha seu filho unico, o principe D. Affonso.

Este principe, estando em Santarem, com seus paes e com sua esposa a princeza D. Izabel, deu uma queda do cavallo, junto ás margens do Tejo, no dia 12 de julho de 1491: foi levado em uma rede de pescadores para uma pobre casa perto d'ali, á qual acudiram logo seus paes, sua esposa, e todos os soccorros, e não dando mais accordo de si, morreu. A rainha, que não quiz mais separar-se d'aquella rede, tomou-a desde então por divisa e ordenou que aos escudos de armas das suas villas se accrescentasse de um lado uma rede e do outro um pelicano, emblema de seu esposo.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este sal aperta na escola—2—1.

Aqui, n'este animal, vae este homem—1—2.

E' reverenciado além este marisco—2—1.

Esta medida vê-se todo o anno n'uma villa de Portugal—2—2.

Machico. JOÃO VICTORINO DE FREITAS.

Como animal, sou obrigado a ser velho—1—2.

Este appellido no homem afugenta—1—1.

Ponta do Sol. MAF.

EM VERSO

Trocando a lettra final,
No v'rão me vão procurar.—2
No campo me has de encontrar,
Trocando a lettra final.—2

A'lerta, leitor! Repara
No que vaes agora lêr:—
Na terra como no mar
Eu costumo apparecer.

J. A. D.

ADIVINHA POPULAR

**Passeio por onde quero,
Caminho com desafago;
Todos os annos me visto
E sempre de traje novo;
Como e bebo e nada me custa,
E quem me vê logo se assusta.**

LOGOGRIPHO

Os vates sempre cantaram—2—1—7—5
A doce *Estrella do mar*—2—8—4—7—1
Que nos jardins bem floridos—4—5—6—8
Enche d'incensos o ar—8—2—3—1—4

O meu todo, caçador,
E' de doçura um primor.

J. A. D.

PROBLEMA

Quaes são os numeros inteiros, cuja sexta parte diminuida de $\frac{1}{6}$; cuja sexta parte do resto tambem diminuida de $\frac{1}{6}$, e assim successivamente, dão zero de resto.

MORAES D'ALMRIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Perola—Andaluzia—Segador—Mortagoa—Fataça—Cavalla—Martyrio.
DA CARTA ENIGMATICA:—Marcos.
DOS ENIGMAS:—(Romulo—Olybrio—Macrino—Adriano)—Orôbo—Areopagitica.
DAS ADIVINHAS POPULARES:—Melancia—Roca.
DO PROBLEMA:

```
   14
    7
   --
   98
    14
 -----
  9814
     7
 -----
 68698
    14
 ------
 686994
      7
 -------
 4808958
```

A RIR

Perguntam a um incredulo o que é a medicina, e elle responde:
—E' a arte de matar gente sem que a policia se envolva no caso.

*

Um seminarista de Santarem veio passar as ferias a Lisboa, e foi retratar-se a casa d'um photographo.
—Quer busto? perguntou-lhe o retratista antes d'ir preparar a chapa.
—Não senhor; basta de corpo presente.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Em algumas das nossas provincias empregam o cosimento das alcachofras em vinho branco, na cura das febres intermittentes.
Os italianos reconhecem nas folhas da alcachofra propriedades antirheumatismaes.
Nós, pelo nosso lado, aconselhamos os rheumaticos a que comam aquelle vegetal em grande quantidade.
A agua em que se fervem as alcachofras é ligeiramente laxativa, e muitos medicos recommendam,tambem, o seu uso no tratamento da ictericia.

SOROR ROSIMUNDA

(LENDA HISTORICA)

São de todos os povos e de todos os tempos essas fabulosas e poeticas narrativas conhecidas pelo nome de *lendas*. A imaginação popular deleitou-se sempre com o maravilhoso, e por isso os nossos antepassados se compraziam em dar largas a sua phantasia, inventando essas ficções, que eram transmittidas de seculo em seculo, e successivamente modificadas na tradição.
A historia primitiva, e as origens historicas das velhas nações não passam de uma successão de lendas mais ou menos engenhosos, facil expediente a que se recorria, na falta dos modernos processos de investigação e de critica, para explicar a formação e evolução sociaes de cada povo em epocas remotas.
Em torno dos velhos deuses da mythologia dos egypcios, dos gregos e dos romanos, crearam-se egualmente imaginosas ficções que a ingenua credulidade dos antigos povos acceitava da melhor fé; e o christianismo, pela sua parte abusou tambem largamente do genero, tecendo n'essas *piedosas fraudes*, luminosas auréolas de maravilhas para uso dos seus dilectos mortos em cheiro de santidade.
Foi na edade media que a lenda mais floresceu, e n'esse longo periodo vemol-a, já authenticando a realidade nas noticias historicas, já fundamentando as origens heraldicas de muitas casas nobres, e sempre desfigurando os grandes homens ou os grandes feitos que pretende esclarecer.
A lenda de que vamos dar noticia é, por esse lado, completamente inoffensiva. E' uma narrativa do seculo XII, em que transparece, a par de uma delicada e sentida poesia, o mysticismo religioso que enlevava os crentes d'essas epocas, chegando-os a fazer esquecer, por vezes, a sua paixão dominante—esse odio violento e brutal que nutriam contra os inimigos da fé christã.
E' n'esse sentido—o de provar as successivas modificações que o espirito intolerante dos christãos fôra soffrendo, chegando a estabelecer-se uma certa cordealidade nas relações particulares das duas raças combatentes,—que Ferdinand Denis a refere no *Portugal pittoresque*, d'onde o sr. Pinheiro Chagas a transcreve, em nota á sua *Historia*. E' por isso bastante conhecida. Consintam-nos, porém, que a reproduzamos aqui, accrescentando-lhe alguns pormenores, que fômos buscar a velhos cartapacios pulverulentos. Se o nosso espirito já não póde acceitar essas ingenuas crendices do passado, que chegavam por fim a ser tidas como realidades até pelos proprios que se tinham dado ao trabalho de as inventar, podem ellas, comtudo, proporcionar alguns momentos de leitura despreoccupada, a quem seja do parecer d'aquellas formosas sultanas, que preferiam aos livros mais circumspectos as *Mil e uma noites*, precisamente porque esses contos eram phantasticos e absurdos.

*
* *

Na antiga villa de Arouca, edificada no extremo de um bello e fertilissimo valle cavado entre asperas montanhas graniticas, ergue-se o real mosteiro, que é um dos melhores e mais vastos de Portugal, e que já existia no anno 716, quando os mouros invadiram a peninsula.
Foi um dos primeiros conventos duplos ou mixtos que se fundaram, isto é, em que viviam frades e freiras em clausura, com aposentos separados, mas assistindo juntos, na mesma egreja, ás solemnidades religiosas. Passado tempo, porém, os frades foram expulsos, em virtude da vida desregrada que levavam, e que muito escandalisava as piedosas monjas: e estas, quando o mosteiro lhes ficou *in solidum*, lá continuaram santamente, sob a direcção de Soror Rosimunda, escolhida para abbadessa do convento, segundo affirma Fr. Jorge Cardoso no *Agiologio Luzitano*, por concorrerem n'ella grandes talentos, que a faziam capaz de maiores dignidades, e ser adornada de grandes virtudes, qualificadas pelo ceu com revelações e maravilhas.»
Era pois grande a fama dos milagres operados por intervenção da virtuosa abbadessa, e de tal modo essa fama resplandecia, que os prelados e principes d'aquelle tempo muito encarecidamente supplicavam a Rosimunda que os encommendasse nas suas orações, esperando assim obter da Providencia divina o soccorro que desejavam.
Segundo resam as chronicas, soror Rosimunda, além das grandes maravilhas que operava, só com as suas bençãos, era tambem dotada de espirito prophetico, e por isso não admira que os grandes e principes da terra tanto a estimassem, visto que o ceu a distinguia com tão especiaes favores.
O conde D. Henrique era um dos que mais particularmente a venerava. Pouco depois de elle vir para Portugal, Echa Martim, rei mouro de Lamego, e tributario do conde lusitano, confiado no limitado poder do seu suzerano, rebellou-se, e veio com muita gente talar e saquear os campos dos christãos, fazendo grande numero de captivos.
O conde, justamente indignado com a audacia do mouro, de prompto reconheceu a necessidade de vingar a affronta recebida. A empreza, porém, era temeraria, e os seus resultados duvidosos, em vista das pequenas forças de que dispunha: e n'esta apertada conjunctura lembrou-se de ir consultar a virtuosa serva de Deus, e por sua intervenção impetrar o soccorro divino de que tanto carecia para poder infligir uma severa punição ao infiel monarcha.
Prophetisou-lhe Rosimunda que o ceu lhe daria a elle as palmas do triumpho, e o conde, recobrando a habitual intrepidez do seu animo valoroso e esforçado, veio ter com D. Egas Moniz, e ambos, reunindo á pressa a gente que poderam, foram em seguimento dos mouros, quando estes já recolhiam a Lamego, levando comsigo muitos despojos e prisioneiros. O encontro teve logar em um valle junto ao mosteiro de Arouca, e ahi foram os mouros completamente desbaratados, obrando-se de parte a parte os mais extraordinarios prodigios de bravura.
Tanto o rei mouro, como uma grande parte dos seus guerreiros, ficaram captivos; porém o conde taes diligencias empregou,

que a maioria d'elles se converteu ao christianismo, naturalmente receiando as consequencias da entranhada repulsão que aos defensores da cruz inspiravam os crentes do islam.

A nossa lenda trata da conversão milagrosa de um d'esses captivos.

Um dia, depois da batalha contra Echa Martim, o conde D. Henrique veio, como frequentemente costumava, visitar a abbadessa do mosteiro de Arouca. Ia com elle um moiro nobre e moço, que até ali persistira em não renegar as suas crenças. A abbadessa era joven e formosa; não nos diz, porém, a tradição que genero de belleza fosse a sua, e por isso se nos torna impossivel esboçar-lhe n'este ponto o retrato, vendo-nos forçados a remetter o leitor para qualquer romance moderno, onde poderá escolher o que melhor satisfaça o seu ideal de esthetica feminina. Ficará assim preenchida a lacuna. Pela nossa parte não queremos affirmar senão aquillo que nos consta de fonte limpa, e a este respeito o que sabemos é que a santa abbadessa era dotada de peregrina formosura, cheia de encantos indiziveis e de attractivos fascinadores.

Em presença de um tal conjuncto de perfeições, o pobre moiro sentiu-se rendido. O amor fulminou-o de improviso, e elle, sem curar do respeito devido ás preclaras virtudes da gentil abbadessa, confessou ao conde a sua paixão ardente, declarando que só abraçaria o christianismo se lh'a dessem por esposa. O conde, porém, immediatamente o desenganou, mostrando-lhe a impossibilidade d'essa união a que se oppunham os estatutos religiosos.

Informada do que occorria, Soror Rosimunda não fez como mais tarde aquella religiosa do mosteiro de Fontévrault, que, ferida de dôr e de vergonha ao saber por um mensageiro que um principe que a vira, ficara encantado da sua belleza e rendido sobretudo do limpido fulgor do seu olhar suavissimo, disse ao mensageiro que aguardasse a resposta, e retirando-se, voltou d'ali a instantes, trazendo as orbitas ensanguentadas, e sobre um prato os olhos que ella propria arrancara, fazendo assim com que o seu adorador fugisse horrorisado. Soror Rosimunda, talvez que até desvanecida com o amor que inspirara—porque emfim a eterna vaidade feminina julgamos que muito bem póde ter abrigo mesmo debaixo do manto da mais austera santidade;—Soror Rosimunda, como diziamos, limitou-se a rezar uma fervorosa oração, pedindo a Deus que illuminasse aquella alma transviada. Depois mandou avisar o conde para que este levasse o moiro comsigo á egreja, esperou-o á porta do logar santo, e quando este se approximou disse-lhe:

—«Amaste-me ardentemente e desejaste obter-me para esposa: o conde não quiz acceder ao teu desejo, mas o que elle não póde fazer, o meu Senhor Jesus Christo o fará. Ambos, d'hoje em diante, ficaremos unidos na mesma fé e gozando a mesma graça.»

Em seguida a estas palavras, o moiro penetrou na egreja, e tocado pelo espirito divino, converteu-se, sendo d'ali em diante um grande e perfeito christão, e a gentil abbadessa lá continuou na sua missão divina, operando muitos outros milagres. Quando ella morreu, o principe D. Affonso, filho do conde D. Henrique, que a esse tempo era tambem já fallecido, enviou ás religiosas uma carta em que lhes dizia:—«Nossas terras n'ella perderam «uma boa defensora e padroeira, pois bem sei quantas victorias «o glorioso conde D. Henrique, nosso pae, alcançou por suas «orações...»

* * *

A lenda nada mais nos diz ácerca d'esses amores, que tão piedoso desenlace tiveram. Se o milagroso caso nos não prova, de um modo indiscutivel, o poder sobrenatural da virtuosa abbadessa de Arouca, mostra-nos, comtudo, a energia de um outro poder de que não ha duvidar—a influencia da mulher formosa nos destinos do homem. E essa influencia exerceu-se em todos os tempos, nas epocas mais rudes, como no nosso seculo de adiantamento e de progresso, e d'ahi nasce a incontestavel soberania da mulher, divindade a cujos pés o misero sexo barbado, escravo do natural instincto de adoração pela belleza feminina, depõe, como offerendas, os seus ideaes, o seu orgulho, as suas aspirações e as suas crenças.

MAGALHÃES FONSECA.

PAÇOS DO CONCELHO E PRAÇA DA VILLA DAS CALDAS DA RAINHA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa